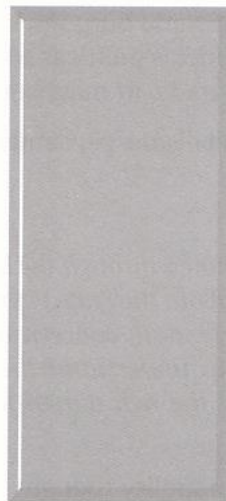




Jefferson Carriello do Carmo (Uniso)

Notas sobre o Estado no pensamento de Gramsci antes dos Cadernos do cárcere



RESUMO

Este artigo examina, através da pesquisa bibliográfica, o pensamento político de Antonio Gramsci sobre o Estado antes dos *Cadernos do cárcere*. Destaca que, através da sua experiência pessoal, uma das suas preocupações centrais foi decifrar a natureza do Estado burguês. Visa, ainda, o texto a compreender a ruptura substantiva de suas idéias políticas sobre o Estado e a real dimensão de continuidade/superação da tradição marxista.

Palavras-chaves: Socialismo, pensamento político, estado burguês, *l'Ordine Nuovo*.

ABSTRACT

*This article examines, through the bibliographical research, the political thought of Antonio Gramsci about the State before *Cadernos do Cárcere*. Through its personal experience, one of his main concern was to decipher the nature of the bourgeois State. It also aims to understand the substantive rupture of his political ideas about the State and the real dimension of continuity/overcoming of the Marxist tradition.*

Keywords: Socialism, polity thought, bourgeois state, *l'Ordine Nuovo*.

Introdução

A questão do Estado é marco central do pensamento político de Gramsci, por estar pontualmente em dois períodos históricos que assinalam sua militância política e teórica, antes e depois do cárcere. Através da sua experiência pessoal determinada pelo exercício ativo, como dirigente partidário¹, uma das suas preocupações centrais foi decifrar a natureza do Estado.

A preocupação deste texto é destacar alguns dos marcos fundamentais dessa militância, sem deter-se no aspecto cronológico da sua práxis, mas deter-se com as formulações teóricas sobre o Estado antes do cárcere. Essa opção de análise constitui uma das chaves para compreender a ruptura substantiva de suas idéias políticas, de um lado, e a real dimensão de continuidade/superação da tradição marxista, de outro.

O Estado antes dos *Cadernos do cárcere*

Em *L'Ordine Nuovo*, revista semanal de resenha e de cultura socialista de 12/07/1919, há um texto, “La conquista del Estado”, no qual encontramos a concepção de Estado como mero instrumento e lugar de primazia da classe dominante. Gramsci assinala que a burguesia toma e usa o Estado como lugar onde se unifica e se materializa sua dominação não somente mediante a força, como também através de uma complexidade de mecanismos que garantem o consentimento das classes subalternas.

Las leyes de la historia estaban dictadas por la clase propietaria organizada en el Estado. El Estado fue siempre el protagonista de la historia, porque en sus organismos se concentra la potencia de la clase propietaria; en el estado la clase propietaria se disciplina y se unifica, por sobre las disidencias y los choques de la competencia, para mantener intacta la condición de privilegio en la faz suprema de la competencia misma: la lucha de clases por el poder, por la preeminencia en la dirección y ordenamiento de la sociedad.²

Gramsci adverte para o fato de que a classe burguesa se divide em uma infinidade de camadas com interesses contraditórios, indicando para capi-

¹ Cf. Carlos Nelson Coutinho, *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 43-74.

² Antonio Gramsci, La conquista del Estado. In: ____ . *Escritos políticos I (1917-1921)*. Traducción Raúl Crisafio. México: Pasado y Presente, 1981, p. 93.

talismo a necessidade de um Estado unificador que reponha juridicamente e politicamente sua própria unidade. O Estado é manipulado pela vontade da classe dominante como uma máquina exterior a ela, cujo papel central está na sua constituição e unificação.³ Aponta, ainda, para uma concepção mais “estrutural” do Estado registrado nos seus escritos políticos, quando diz: «Las instituciones del estado capitalista están organizadas para los fines de la libre competencia: no basta cambiar el personal para orientar en otro sentido su actividad».⁴

Essa constatação é central no pensamento de Gramsci não só porque identifica as instituições pertinentes ao Estado capitalista, mas porque, a partir disso, visa à “remoção”, ou seja, à destruição do aparato de Estado e às relações sociais por ele sustentadas.

Elabora um projeto político⁵ que fundamenta a ação revolucionária de ruptura com o Estado burguês e não só a denúncia das potencialidades teóricas fundadoras desse Estado, como também aponta para um novo Estado que seja apoiado pelas várias instituições proletárias. Entende que é necessidade para a tomada de consciência dos trabalhadores desse projeto, primeiramente, mudar o habitus e a psicologia do operário e do camponês, para que comecem a pensar e agir solidariamente, criando um alicerce que venha possibilitar a conquista do Estado.

El principio asociación y solidaridad se vuelve esencial para la clase trabajadora, cambia la psicología y la actitud de los obreros y campesinos. Surgen instituciones y organismos en los que dicho principio se encarna; sobre la base de éstos se inicia el proceso de desarrollo histórico que conduce al comunismo de los medios de producción y de intercambio.⁶

Os fundamentos para tal conquista encontram-se no triunfo da Revolução de Outubro e na ascensão das lutas revolucionárias e populares na Europa, após a Primeira Guerra Mundial. Os dirigentes da III Internacional iniciaram um pensamento que visa a derrubar o capitalismo, através das revoluções que dariam condições para a classe trabalhadora internacional

³ Christinne Glucksmann-Buci, *Gramsci et l'État: pour une théorie matérialiste de la philosophie*. Paris: Fayard, 1975, p. 143-229.

⁴ Antonio Gramsci, *La conquista del Estado*, op. cit., p. 95.

⁵ A elaboração do projeto político de Gramsci tem suas premissas no texto “Democracia Operária”, mas é com a nova fase do *L'Ordine Nuovo* que este projeto fica mais consistente.

⁶ Antonio Gramsci, *La conquista del Estado*. In: *Escritos políticos I (1917-1921)*, p. 92.

eliminar os aparatos do Estado capitalista, dando lugar para um Estado socialista; essa era a estratégia e a convicção de Lênin.⁷

Nesse contexto, o pensamento de Gramsci acerca do Estado aparece ligado à necessidade de criar os primeiros elementos constitutivos de um novo Estado, com instituições diferentes, em sua essência, que deveriam surgir da classe trabalhadora, à semelhança dos soviets, mas com particularidade italiana. Está convencido de que só com a destruição do velho Estado Burguês pode nascer um novo Estado do proletariado, cujas características, por natureza, são incompatíveis com as do precedente.

Nesse período, esclarece Macciocchi, o Estado da democracia proletária está na capacidade de autogoverno das massas, ou seja, na plena realização de sua emancipação.⁸

O tipo de Estado proletário não é a falsa democracia burguesa, forma hipócrita da dominação oligárquica financeira, mas a democracia proletária, que garantirá a libertação das massas trabalhadoras; não o parlamentarismo, mas o autogoverno das massas, através de seus próprios organismos eleitos; não a burocracia de carreira, mas as instâncias administrativas criadas pelas próprias massas, com a sua participação real na gestão do país, na obra de edificação socialista.⁹

Por isso Gramsci dirá em “La conquista del Estado”:

{...} el estado socialista no puede encarnarse en las instituciones del estado capitalista, sino que es una creación fundamentalmente nueva con respecto a éstas y con respecto a la historia del proletariado». De ahí que «la fórmula «conquista del Estado» debe ser entendida en este sentido creación de un nuevo tipo de estado, originado en la experiencia asociativa de la clase proletaria, y sustitución por éste del estado democrático-parlamentario.¹⁰

Nesse sentido, Gramsci esclarece que a gênese do novo Estado está na Itália, nas experiências dos Conselhos de fábrica, quando diz:

A classe operária afirma assim que o poder industrial, que a fonte do poder industrial deve voltar à fábrica, coloca novamente a fábrica — do ponto de vista

⁷ Edmundo Fernandes Dias, *A Revolução Russa vista por Gramsci*. In: Osvaldo, Cassiola, *A revolução de outubro sob o olhar da história*. São Paulo: Scritta, 1997, pp. 97-133.

⁸ Maria-Antonietta Macciocchi, *A favor de Gramsci*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 177.

⁹ Id., ib., p. 177.

¹⁰ Antonio Gramsci, *La conquista del Estado*. In: op. cit., p. 95.

operário, como forma em que a classe operária se constitui como corpo orgânico determinado — como célula de um novo Estado, o Estado operário, como base de um novo sistema representativo, o sistema dos Conselhos. O Estado 'Operário, considerando que nasce de acordo com uma configuração produtiva, já cria as condições do seu desenvolvimento, do seu dissolver-se como Estado, do seu incorporar-se orgânico num sistema mundial — a Internacional Comunista.¹¹

Acrescenta, ainda, que o Estado socialista deve resultar da articulação dos diversos Conselhos de Fábrica e um Conselho Executivo central e que deve ser constituído a partir da realidade concreta.

O Estado socialista já existe potencialmente nas instituições de vida social, características da classe trabalhadora explorada. Ligar essas instituições, coordená-las e subordiná-las numa hierarquia de competências e de poderes, centralizá-las fortemente, também se respeitando as necessárias autonomias e articulações, significa criar desde já uma verdadeira democracia operária, em contraposição eficiente e ativa ao Estado burguês, preparada desde agora a substituir o Estado burguês em todas as suas funções essenciais de gestão e de domínio do patrimônio nacional.¹²

É relevante destacar essa idéia de criar “já desde agora” uma democracia operária, para disputar com a ordem burguesa a direção da sociedade, construindo instituições mais aptas ao desenvolvimento pleno das forças produtivas e retomando depois, nos cárceres, a idéia de que a classe operária deve conquistar a hegemonia antes da tomada de poder.

Em outra parte, a idéia de encontrar e dissolver o próprio centro da sociedade burguesa, as instituições que perpassam a ordem estatal dominante, reforça a visão antiinstrumental do Estado e manifesta a complexidade que se expressa em todo fenômeno estatal e os limites materiais para a construção de uma nova ordem.

Em tal sentido, e seguido os conceitos fundamentais de “A ideologia alemã”, Gramsci sustenta que:

La historia es un continuo hacerse, por consiguiente es esencialmente imprevisible. Pero esto no significa que «todo» sea imprevisible en el hacerse de la historia, que la historia sea el campo del arbitrio y del capricho irresponsable. La historia es al

¹¹ Antonio Gramsci; Amadeo Bordiga, *Os conselhos de fábrica*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 96.

¹² Id., *ib.*, p. 34.

mismo tiempo libertad y necesidad. Las instituciones, en cuyo desarrollo y actividad se encarna la historia, nacieron y perduran porque tienen un deber y una misión para realizar. Surgieron y se desarrollaron determinadas condiciones objetivas de producción de los bienes materiales y de conciencia espiritual de los hombres.¹³

Um outro aspecto que marca o pensamento de Gramsci e que está inelutavelmente relacionado com a derrubada do Estado burguês é o Partido Político. O fracasso da experiência dos Conselhos revelou que a classe operária não podia triunfar em sua luta para a destruição do Estado Burguês e se restringiu ao território da fábrica, já que o “território nacional” da classe trabalhadora é o território social e político da nação. Ligado a isso aparece o imperativo de dar uma organização nacional ao proletariado.

Gramsci faz rapidamente o balanço da situação e começa a planejar a questão do partido, tendo em vista a necessidade de romper com o velho Partido Socialista; assim como havia sido necessário diferenciar-se dos antigos sindicatos construídos pelos Conselhos de Fábrica, era necessário criar um partido novo, que fosse o partido da Internacional Comunista, capaz de dirigir o conjunto da classe trabalhadora e de se aliar ao processo de preparação para a tomada do poder e de sua posterior reconstrução.

Nessa etapa, esclarece Coutinho, Gramsci assimila os princípios básicos do leninismo que iria romper com o maximalismo de Bordiga, apontando para novas reflexões sobre o Estado.

Num pequeno artigo, publicado dois anos depois, em julho de 1925, Gramsci apresentariam de modo sintético o que opõe sua nova visão dialética inspirada em Lênin, ao maximalismo de Bordiga, lucidamente a essência teórica do maximalismo: «O maximalismo é uma concepção fatalista e mecanicista da doutrina de Marx. (...) É inelutável que o proletariado vença [diz o maximalismo]. É inútil que a gente se mova: para que se mover e lutar, se a vitória é fatal e inelutável? E um maximalista pode estar (...) também no Partido Comunista. Também nesse caso ele crê que seja inútil se movimentar e lutar no cotidiano; ele se limita a esperar o grande dia. As massas têm de vir até nós, diz ele, porque a situação objetiva as impulsiona para a revolução. Portanto, vamos esperar por elas sem tantas histórias de manobras táticas e de expedientes do gênero”. A esse fatalismo impotente, disfarçado por uma fraseologia ultra-esquerdista, Gramsci contrapõe o método de Lênin, um método dialético que leva em conta todas as mediações e «astúcias» do real: “O camarada Lênin nos ensinou que, para vencer

¹³ Antonio Gramsci, La conquista del Estado. In: op. cit., p. 94.

nosso inimigo de classe, que é poderoso, que tem muitos meios e reservas à sua disposição, devemos aproveitar qualquer rusga em seu seio e devemos utilizar todo aliado possível, ainda que incerto, vacilante e provisório. Ele nos ensinou que, na guerra dos exércitos, não se pode atingir o fim estratégico, que é a destruição do inimigo e a ocupação de seu território, sem ter atingido antes uma série de objetivos táticos tendentes a desagregar o inimigo, antes de enfrentá-lo em campo aberto". Nesse breve artigo, Gramsci revela duas coisas: 1) que já é capaz, graças à mediação de Lênin, de converter sua velha e enraizada recusa da visão fatalista e mecanicista do marxismo num método dialético positivo, concreto, voltado para a análise materialista da realidade; 2) que já assimilou — graças novamente à influência de Lênin, mas indo, de certo modo, além dele — algumas instituições que, mais tarde, nos cadernos irão levá-los a colocar a "guerra de posições" como o método próprio para a conquista da hegemonia e do poder nas sociedades ocidentais desenvolvidas.¹⁴

Resumindo: nesse período, que antecede o cárcere, Gramsci aprendeu que a revolução deve vir de baixo, "de um processo de formação molecular do Estado operário, concepção que Gramsci coloca como fundamento de sua própria teoria do poder e que inspirará sua estratégia política de dirigente de partido".¹⁵ A questão da criação de um novo tipo de Estado, como resultado da revolução socialista, indicou ao mesmo tempo dois modos concretos de aproximar-se da construção do Estado, rompendo a espera passiva e espontânea da "grande catástrofe" e, por outro lado, a necessidade de construir um partido totalmente distinto do socialista, capaz de dirigir o processo revolucionário; é com tais preocupações que o filósofo sardo irá reformular o seu conceito de Estado, à luz de uma possível contra-hegemonia.

REFERÊNCIAS

- BUCCI-GLUCKSMAN, Cristiane. *Gramsci et l'État: pour une théorie matérialiste de la philosophie*. Paris: Fayard, 1975.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. La conquista del Estado. In: ____ . *Escritos políticos I (1917-1921)*. Tradução Raúl Crisafio. México: Pasado y Presente, 1981.

¹⁴ Carlos Nelson Coutinho, op. cit., p. 31-32.

¹⁵ Maria-Antonietta Macciocchi, op. cit., p. 66.

-
- ____. BORDIGA, Amadeo. *Conselhos de fábrica*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DIAS, Edmundo Fernandes. A Revolução Russa vista por Gramsci. In: CASSIOLA, Osvaldo. *A revolução de outubro sob o olhar da história*. São Paulo: Scritta, 1997.
- MACCIOCCHI, Maria-Antonietta. *A favor de Gramsci*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Endereço do autor:

Rua Hortêncio Piaya Martinez, 434
Jardim Prestes de Barros
CEP 18021-250
Sorocaba, SP